

ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR: UMA POSSIBILIDADE DE ENSINO APRENDIZAGEM POR MEIO DA INCLUSÃO

Emerson Nunes de Almeida ¹
Louise Jar Pereira de Araújo ²
Mariza Silva de Araújo ³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância do método narrativo e da escuta pedagógica para a construção de discursos alternativos à fala hegemônica na educação, mediante uma atuação docente que investigue sua própria prática. Para a realização desse trabalho, se faz necessário a realização de uma pesquisa bibliográfica a qual permite compreender as relações existentes entre a educação e o ambiente hospitalar, uma vez que um estudo dessa natureza requer uma análise da totalidade dos elementos constitutivos desse cenário. Porém, a compreensão do real como totalidade requer que se reconheçam as partes e as relações entre elas, para que se construam relações tematizadas da realidade. Essas relações são tiradas do seu contexto originário e imediatamente ordenadas para elaboração do conhecimento. Nesse sentido, entendemos que a teoria é o real elevado ao plano do pensamento, não de forma abstrata e contemplativa, mas da ação do sujeito social historicamente determinado. No primeiro momento, abordaremos o conceito de Pedagogia hospitalar e da classe hospitalar, trazendo a importância de se trabalhar com a pedagogia nesse ambiente. Será apresentada, também, a importância da formação docente para implementação e desenvolvimento desse novo campo de trabalho, e por fim, a análise realizada em nossa sala de aula na clínica de hemodiálise.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar, Educação, Saúde.

INTRODUÇÃO

A baixa frequência escolar pode ser ocasionada por diversos fatores, entre os quais se destaca a internação hospitalar prolongada, que compromete significativamente o processo de escolarização. Para atender a essa demanda, o Atendimento Pedagógico Hospitalar surgiu no Brasil na década de 1950, no Hospital Jesus, no Rio de Janeiro, conforme apontado por Fonseca (1999). Desde então, essa prática tem se consolidado como um direito garantido pela Lei nº 9.394/1996, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que assegura o acesso à educação básica como direito público subjetivo e estabelece a obrigatoriedade de zelar pela frequência escolar dos educandos, mesmo em situação de internação. (Brasil, 1996)..

¹ Autor, Graduado pelo Curso de Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Coordenador Pedagógico do Instituto Ary Parreiras, nunespedagogo@yahoo.com.br;

² Coautora, Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, louisejar6@gmail.com;

³ Professora Orientadora, Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Professora do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy - IFESP, mariza@ifesp.edu.br.

A legislação foi ampliada pela Lei nº 13.716/2018, que incluiu o artigo 4º-A na LDB, garantindo atendimento educacional aos alunos da educação básica internados em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Tal medida reforça o compromisso do Estado com a continuidade do processo educativo, mesmo em contextos adversos, como o da hospitalização. (Brasil, 2018).

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a importância da atuação pedagógica em ambientes hospitalares, especialmente no contexto da hemodiálise, a partir da experiência vivenciada em clínicas de Natal/RN, no âmbito do programa Brasil Alfabetizado. A prática pedagógica nesse espaço revelou a necessidade de adaptação metodológica e organizacional, considerando as especificidades dos pacientes-alunos, suas condições clínicas e os diferentes regimes de atendimento: sala multisseriada, atendimento individual, isolamento e classe hospitalar.

A atuação do pedagogo hospitalar exige competências específicas, como a escuta sensível, o planejamento flexível e a articulação com a equipe multiprofissional. A rotina hospitalar impõe desafios à aprendizagem, como o afastamento do convívio social e das atividades escolares regulares. Nesse cenário, o professor torna-se figura central, estabelecendo vínculos afetivos e promovendo a continuidade do processo educativo, conforme destaca Kosik (1995), ao afirmar que a prática pedagógica é expressão da ação consciente do sujeito em seu contexto histórico.

A pesquisa bibliográfica realizada permitiu compreender as relações entre saúde e educação, evidenciando a importância da pedagogia hospitalar como instrumento de inclusão e cidadania. A experiência relatada aponta para a necessidade de formação continuada dos profissionais da educação, bem como para a valorização da prática pedagógica em espaços não convencionais, reafirmando o compromisso com uma educação que alcance todos os sujeitos sociais, independentemente de suas condições de saúde.

A relação entre educação e ambiente hospitalar tem sido objeto de estudo de diversos autores que discutem as transformações nas práticas pedagógicas frente às novas demandas sociais. Alarcão (2008), Almeida (2006) e Pimenta (1999) abordam a necessidade de reformulação das concepções pedagógicas tradicionais, destacando o papel do pedagogo hospitalar na superação de modelos de controle institucionalizados. Antunes (1999), por sua vez, analisa criticamente o processo de reprodução ampliada do capital nas instituições informais de ensino, evidenciando os limites e possibilidades da atuação docente nesse contexto.

A pesquisa foi realizada em uma clínica de hemodiálise no município de Natal/RN, com foco na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em situação de internamento. Observou-se que o atendimento pedagógico hospitalar pode promover a inclusão educacional ao considerar as especificidades dos pacientes, como o funcionamento da máquina de diálise, os exames, as dietas e os horários de medicação. A escuta pedagógica e o método narrativo foram utilizados como estratégias para favorecer a construção de conhecimento e a interação entre os educandos.

Para compreender o percurso histórico das classes hospitalares, modalidade da Educação Especial, foram analisados documentos oficiais como LDB, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) e os Referenciais Curriculares Nacionais (Brasil, 2008). Esses instrumentos normativos evidenciam os desafios enfrentados na implementação do ensino hospitalar e a necessidade de políticas públicas que assegurem sua efetivação.

Formado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fui convidado pela Subcoordenadoria de Educação de Jovens e Adultos (SUEJA) para atuar como coordenador pedagógico no programa Brasil Alfabetizado, nas clínicas de hemodiálise de Natal/RN. Apesar de nunca ter trabalhado com essa abordagem educacional, aceitei o desafio e, logo nos primeiros contatos, percebi o acolhimento dos alunos e a importância que atribuíam à presença de um professor em suas salas. A partir da dinâmica da clínica — com três turnos e dias alternados — elaboramos um cronograma de atendimento adaptado à rotina dos pacientes. Essa experiência evidenciou o papel fundamental da SUEJA na promoção do atendimento educacional hospitalar, por meio da formação continuada de docentes, da integração tecnológica e da valorização da diversidade, reafirmando o compromisso com a inclusão de uma modalidade de ensino ainda pouco reconhecida.

O Programa Brasil Alfabetizado, ao atender jovens e adultos afastados da escola por motivos de saúde, contribuiu para a reconstrução da identidade dos educandos hospitalizados, promovendo interações sociais e ações pedagógicas específicas. A contação de histórias, conforme discutido por Rodrigues (2005) e Agudo (2011), foi utilizada como recurso metodológico para estimular a imaginação, promover o vínculo entre os pacientes e despertar o prazer pela leitura, com efeitos terapêuticos relevantes.

A proposta deste trabalho, vinculada ao curso de especialização em Educação de Jovens e Adultos do Instituto de Ensino Superior Presidente Kennedy (IFESP), tem como objetivo refletir sobre o atendimento pedagógico hospitalar como possibilidade de ensino-aprendizagem inclusiva. Busca-se compreender a contribuição da literatura como estratégia metodológica, investigar o uso da contação de histórias em classes hospitalares e analisar a legislação pertinente à temática.

O artigo será estruturado em três partes: a primeira abordará os aspectos administrativos e físicos da clínica, bem como a metodologia adotada; a segunda tratará das relações entre educação e ambiente hospitalar; e a terceira apresentará o cotidiano da classe hospitalar, culminando com as considerações finais.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, de abordagem descritiva e exploratória, fundamentada em uma pesquisa bibliográfica e de campo. O objetivo foi compreender as relações entre os processos educativos e o desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas a pacientes em tratamento de hemodiálise, considerando o contexto histórico e social da classe hospitalar da Clínica de Doenças Renais (CDR), localizada no município de Natal/RN.

A pesquisa bibliográfica permitiu a construção do referencial teórico acerca da educação hospitalar, do processo de alfabetização de jovens e adultos e das contribuições das abordagens sociointeracionistas para o processo de ensino-aprendizagem. Foram consultadas obras clássicas e contemporâneas sobre educação, saúde e práticas pedagógicas inclusivas, em conformidade com o tema proposto.

A etapa empírica consistiu na observação direta do ambiente educativo da clínica, com análise dos aspectos administrativos, pedagógicos e estruturais, além da caracterização do público atendido. O estudo foi desenvolvido na Clínica de Doenças Renais – CDR, situada na Avenida Rio Branco, nº 185, bairro da Ribeira, zona leste da cidade de Natal/RN. Fundada em 1974, a instituição atende pacientes pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e por convênios particulares. Atualmente possui 185 pacientes, dos quais 109 participam do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), iniciativa do Ministério da Educação voltada à alfabetização de jovens, adultos e idosos.

A equipe pedagógica da CDR é composta por dez professores alfabetizadores e um coordenador pedagógico, sob supervisão da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte. As atividades educativas ocorrem de segunda a sábado, em três turnos distintos, adaptando-se aos horários de tratamento dos pacientes.

A observação das práticas pedagógicas foi realizada com base em critérios qualitativos, buscando identificar as metodologias utilizadas pelos docentes, as concepções pedagógicas predominantes e as estratégias de ensino voltadas ao desenvolvimento integral dos alunos-pacientes. Verificou-se a presença de fundamentos sociointeracionistas e construtivistas,

inspirados nas teorias de Vygotsky e Piaget, bem como a aplicação dos quatro pilares da educação propostos por Jacques Delors (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser).

Durante a coleta de dados, foram respeitados todos os princípios éticos da pesquisa educacional, assegurando o anonimato dos participantes e o direito de imagem, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas com seres humanos na área das Ciências Humanas e Sociais.

Os dados obtidos foram sistematizados e analisados de forma interpretativa, buscando estabelecer relações entre os fundamentos teóricos e as práticas observadas, de modo a evidenciar os avanços e desafios no processo de alfabetização e inclusão educacional de pacientes em tratamento de hemodiálise.

REFERENCIAL TEÓRICO

O PEDAGOGO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Nesta parte do trabalho apresentamos, em linhas gerais, os aspectos conceituais da pesquisa, como a definição de pedagogia hospitalar e classe hospitalar, seguidos da caracterização do local onde se desenvolveu o estudo. Epistemologicamente, o que significa pedagogia hospitalar? Qual a sua origem e qual o seu peso teórico para o fazer docente?

Definir pedagogia hospitalar na atualidade pode suscitar questionamentos, mas também possibilita esclarecimentos quanto à sua função no processo educativo e às contribuições do trabalho docente no contexto hospitalar.

Compreende-se, assim, que a pedagogia hospitalar constitui uma proposta diferenciada da pedagogia tradicional, desenvolvendo-se em um espaço não escolar — o hospital — e buscando construir conhecimentos que contribuam para o bem-estar e o desenvolvimento do letramento do discente hospitalizado.

Esse conceito abrange a pedagogia hospitalar e a classe hospitalar, sendo o primeiro mais amplo, pois não se limita à escolarização de estudantes internados, mas incorpora uma dinâmica educativa inclusiva. Dessa forma, o pedagogo assume o papel de ressignificar o espaço hospitalar, transformando-o em ambiente educativo e, em alguns casos, em espaço escolar para aqueles que permanecem por longos períodos internados, como os pacientes em tratamento de hemodiálise. No cotidiano hospitalar, o contexto revela-se fortemente

intersubjetivo, permeado pelo desejo de aprender, o que demonstra que a aprendizagem está relacionada ao próprio desejo humano de viver e conhecer.

Assim, a implantação de classes hospitalares surge da necessidade de garantir que pessoas hospitalizadas, independentemente do tempo de permanência ou de qualquer outro fator, tenham participação efetiva no processo de construção do saber. O processo educativo, portanto, constitui um direito inalienável à cidadania, devendo incluir a escolarização em espaços não escolares.

Ainda que de forma tímida, a legislação brasileira reconhece o atendimento pedagógico-educacional de pacientes hospitalizados. Nesse sentido, merece destaque a Política Nacional de Educação Especial (MEC, SEESP, 1994; 1995), que prevê o direito à continuidade dos estudos para jovens e adultos em tratamento de saúde.

CLASSE HOSPITALAR

A classe hospitalar é um ambiente que possibilita o atendimento educacional de crianças, jovens e adultos internados que necessitam de acompanhamento pedagógico e que estejam em tratamento hospitalar (Brasil, 1994, p. 20). Propõe-se que a educação em hospitais seja realizada por meio da organização de classes hospitalares, garantindo-se a oferta educacional de forma contínua e adaptada às condições dos alunos.

As práticas docentes desenvolvidas nesse contexto são de grande relevância, pois, mesmo acometidos por enfermidades, os sujeitos hospitalizados mantêm seus interesses, desejos, sonhos e o direito à cidadania, como qualquer outro membro da sociedade.

As instituições que desenvolvem esse tipo de educação são consideradas espaços de educação não formal, uma vez que esta abrange toda tentativa educacional organizada e sistematizada realizada fora do sistema formal de ensino.

O fazer docente em ambiente hospitalar exige dos profissionais uma postura flexível, pois trata-se de uma modalidade de ensino sujeita a constantes modificações — tanto em relação ao número de alunos atendidos quanto ao tempo de internação —, além da diversidade de patologias que requerem abordagens diferenciadas.

Esses desafios, embora complexos, podem ser superados por meio de diálogo, cooperação e formação continuada entre os educadores. Encontros, seminários e reuniões contribuem para a construção de práticas pedagógicas mais efetivas, afetivas, reflexivas e transformadoras, voltadas à humanização e à inclusão dos discentes hospitalizados.

O COTIDIANO NA CLASSE HOSPITALAR

A análise do cotidiano das classes hospitalares baseia-se em registros de observação, diálogos e produções dos discentes. O acompanhamento contínuo permitiu identificar pequenas mudanças comportamentais e afetivas nos alunos atendidos, revelando que o aprendizado vai além do conteúdo escolar, alcançando dimensões emocionais e identitárias.

Como exemplificado pelo aluno “Zacarias”, o silêncio e as expressões faciais tornaram-se formas de comunicação, confirmando a perspectiva de Wallon (1975) de que os estados afetivos se expressam pela motricidade corporal. O pedido de materiais escolares, nesse sentido, representava não apenas interesse cognitivo, mas também o desejo de reconhecimento e pertencimento social.

ESCUA PEDAGÓGICA

A escuta pedagógica emerge como prática essencial no ambiente hospitalar, possibilitando compreender as vivências, emoções e expectativas dos alunos e de suas famílias. Por meio da leitura, da contação de histórias e de atividades de expressão, o discente encontra espaço para reelaborar sua experiência, fortalecer a autoestima e renovar esperanças.

Atividades como o desenho revelam o modo como o sujeito interpreta e representa sua realidade. Para Wallon (1941), o desenho é uma forma de linguagem que expressa emoções e pensamentos. A recusa em desenhar o ambiente hospitalar, como observado em alguns casos, reflete o desconforto e o desejo de projetar imagens mais positivas da vida.

Tais práticas favoreceram a interação, a solidariedade e a construção coletiva de sentidos, contribuindo para a estabilidade emocional e para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Assim, as atividades educativas em ambiente hospitalar demonstram sua relevância não apenas para a continuidade da escolarização, mas também para a promoção da saúde integral do sujeito hospitalizado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa emergem da observação das práticas pedagógicas desenvolvidas na Classe Hospitalar da Clínica de Doenças Renais (CDR), articuladas aos princípios dos quatro pilares da educação propostos por Delors (1996): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. A aplicação desses pilares no contexto

hospitalar revelou-se essencial para o fortalecimento da autonomia, da autoestima e da cidadania dos discentes, demonstrando que a educação é um instrumento de transformação mesmo em ambientes marcados pela fragilidade física e emocional.

Observou-se que a vivência dos pilares da educação contribuiu para o aprimoramento da práxis pedagógica dos educadores e para a formação integral do sujeito hospitalizado, que passou a ressignificar sua relação com o aprender. Essa prática permitiu o desenvolvimento de atitudes mais participativas e reflexivas, evidenciando o potencial da alfabetização como processo de emancipação e inclusão social, conforme defendido por Freire (2001).

Entretanto, identificaram-se conflitos internos nos discentes, relacionados a sentimentos de inferioridade e desmotivação, que interferiam no engajamento inicial com as atividades. As ações educativas buscaram enfrentar essas dificuldades por meio de estratégias de incentivo e valorização pessoal, reforçando a importância da escuta sensível e do diálogo pedagógico como instrumentos de superação emocional e cognitiva.

No que se refere ao perfil dos discentes, verificou-se que a maioria deles é formada por adultos e idosos em tratamento de hemodiálise, cuja trajetória escolar foi interrompida por fatores socioeconômicos ou de saúde. Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha papel essencial, mas ainda enfrenta desafios significativos para atender às exigências da sociedade contemporânea, marcada pelo avanço tecnológico e pela competitividade do mundo do trabalho.

Constatou-se que o baixo nível de letramento permanece como um fator de exclusão social e simbólica, dificultando o exercício pleno da cidadania. A EJA, ao oferecer oportunidades de aprendizagem contínua, reafirma sua função de qualificar, permitindo aos sujeitos ampliar seus horizontes culturais e profissionais. Essa perspectiva está em consonância com as concepções defendidas pela Unesco (2005) sobre a educação ao longo da vida como direito e necessidade permanente.

Os resultados também indicam que a alfabetização, no contexto hospitalar, atua como instrumento de resgate da cidadania e da dignidade humana. O ato de ler e escrever foi percebido pelos discentes como símbolo de liberdade e superação, conforme enfatiza Freire (1987) ao afirmar que “educar é libertar o ser humano do determinismo do sistema vigente”.

O projeto desenvolvido na CDR demonstrou que o respeito à diversidade e às condições individuais é determinante para o sucesso das práticas educativas. Mesmo em situações de vulnerabilidade, os alunos mostraram desejo de aprender, sonhar e se reconhecer como sujeitos de direitos. A alfabetização, assim, transcende o domínio técnico da escrita e transforma-se em processo de reintegração social e emocional.

A observação das aulas revelou que o ambiente da classe hospitalar precisa ser acolhedor, flexível e humanizado, permitindo que os alunos compartilhem sentimentos e construam vínculos afetivos durante o tratamento. As práticas pedagógicas basearam-se na escuta ativa, no diálogo e na ludicidade, aspectos fundamentais para reduzir o impacto psicológico da hospitalização e promover o engajamento dos discentes nas atividades.

O docente, nesse cenário, assume o papel de mediador e facilitador da aprendizagem, adaptando o currículo às necessidades e ritmos individuais. Essa postura exige sensibilidade, criatividade, paciência e compromisso ético, confirmando que a educação hospitalar não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve o cuidado, a empatia e o reconhecimento da singularidade de cada aluno.

A análise dos dados reforça que a alfabetização em ambiente hospitalar promove não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o fortalecimento emocional e social dos pacientes. As ações educativas, baseadas nos princípios de diálogos freireana e nos princípios de Delors (1996), mostraram-se eficazes para despertar o interesse pela leitura e pela escrita, restaurando o sentido de pertencimento e de cidadania dos sujeitos envolvidos.

Dessa forma, o estudo evidencia que a classe hospitalar é um espaço legítimo de aprendizagem e inclusão social, contribuindo para a reconstrução da identidade e para a melhoria da qualidade de vida dos educandos, ao mesmo tempo em que reafirma o papel transformador da educação como direito humano fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, compreende-se que inteligência, emoção e movimento constituem processos interdependentes, formando um conjunto indissociável que caracteriza o desenvolvimento humano em suas diversas etapas. Assim, o sujeito social hospitalizado não deixa de ser sujeito por se tornar paciente; ao contrário, permanece dotado de atividade emocional, curiosidade e capacidade de aprender. A educação no ambiente hospitalar, portanto, deve garantir o exercício da cidadania, mesmo diante das limitações impostas pelas condições clínicas.

A escuta pedagógica, atenta e sensível às dimensões afetivas, cognitivas, físicas e sociais dos discentes, mostra-se como instrumento essencial na consolidação da subjetividade e no fortalecimento do processo educativo. O trabalho pedagógico em hospitais não segue um único modelo, exigindo do professor uma postura investigativa sobre sua própria prática. É necessário

que o docente se reconheça como pesquisador de seu fazer, buscando constantemente novas respostas para antigos desafios, em meio a um contexto marcado por rápidas transformações e demandas complexas.

Constata-se, conforme Wallon (1975), que é imprescindível ao professor compreender as ações e atitudes do outro, pois estas afetam não apenas as emoções e visões de mundo, mas também a constituição do ser. Assim, a pedagogia hospitalar se propõe a trabalhar o sujeito em sua totalidade, reconhecendo-o como um ser histórico, emocional e socialmente situado. O conhecimento de seu estado de saúde e do ambiente hospitalar pode alimentar aspectos positivos da emoção e contribuir para o bem-estar físico e psicológico do discente.

As atividades desenvolvidas junto aos alunos evidenciam as múltiplas funções que o professor pode assumir na enfermaria. Ao atuar como ouvinte, o docente trabalha com a emoção e a linguagem, resgatando a autoestima do discente hospitalizado — muitas vezes fragilizado pela doença e pelo sentimento de impotência diante do tratamento. A necessidade de ser ouvido torna-se, assim, parte integrante do processo educativo, transformando a escuta em um ato pedagógico de acolhimento.

A linguagem, nesse contexto, permite ao sujeito ultrapassar o imediato e atribuir novos significados à sua realidade. Cabe, portanto, à educação hospitalar proporcionar ao aluno a compreensão do espaço em que se encontra, ressignificando sua experiência de adoecimento e fortalecendo sua identidade enquanto sujeito social. A escuta pedagógica emerge, desse modo, como metodologia educativa essencial da pedagogia hospitalar, ao acolher ansiedades e dúvidas e promover reflexões coletivas sobre o viver e o aprender em condições de vulnerabilidade.

Assim, a pedagogia hospitalar deve valorizar os espaços de expressão — individuais e coletivos —, respeitando o silêncio, a tristeza e os diferentes ritmos de aprendizagem dos discentes. Essa perspectiva amplia o conceito tradicional de educação, incorporando a dimensão emocional como componente fundamental do processo formativo.

Constatou-se, durante o acompanhamento pedagógico, que gestos, palavras e comportamentos revelam a forma como os alunos reagem à hospitalização e à doença. Os resultados desta pesquisa permitem compreender que o papel da educação junto ao sujeito hospitalizado é o de resgatar sua subjetividade, dando outro sentido ao espaço hospitalar por meio da linguagem, do afeto e das interações sociais mediadas pelo docente. Conclui-se, portanto, que é possível conceber o hospital como um espaço educativo e de transformação, um ambiente propício ao desenvolvimento integral do aluno e à promoção da vida em sua plenitude.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Da classe à pedagogia hospitalar: a educação para além da escolarização. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 72-92, jan. / jun. 2008. Disponível em: <http://cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/129/rejanefontes2008.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

ALMEIDA, Luciana Souza de. **Pedagogia hospitalar: o importante trabalho do/da pedagoga no ambiente hospitalar**. 2022. 59 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Aparecida de Goiânia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ifg.edu.br/handle/prefix/1368>. Acesso em: 22 out. 2025.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

BARROS, Alessandra Santana Soares e. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 27, n. 73, p. 257-278, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/9ypnzYpSWNt366Gw5GMHmTp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 out. 1995. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-n-41-de-13-de-outubro-de-1995/>. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 set. 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13716.htm. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/livro01.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994. Disponível em: https://gedh-uerj.pro.br/wp-content/uploads/tainacan-items/14699/24531/1994_MEC_Seesp_Politica_Nacional_Educacao_Especial.pdf. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial: diretrizes**. Brasília: MEC/SEESP, 1995. Disponível em:

<https://gedh-uerj.pro.br/documentos/politica-nacional-de-educacao-especial/>. Acesso em: 22 out. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Brasília: MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

CNDCA. **Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995**. Direitos da criança e do adolescente hospitalizados. Brasília: Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1995. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/resolucao-n-41-de-13-de-outubro-de-1995/>. Acesso em: 22 out. 2025.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1996.

FONSECA, Eneide Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional à criança e ao adolescente hospitalizado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ep/v25n01/v25n01a09.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

FREIRE, Paulo. Direitos humanos e educação libertadora. In: FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.) **Pedagogia dos sonhos possíveis/Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

OLIVEIRA, Caroline Agudo. **Era uma vez**: o universo da contação de histórias e sua inserção no hospital. 2011. 106f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/32944/1/Caroline%20Oliveira%20Agudo.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

PIMENTA, Selma Garrido. **A pedagogia hospitalar e o pedagogo**: ação educativa em unidades hospitalares paranaenses. Irati, PR: Unicentro, 1999. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/2010/pdf/resumo55.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

RODRIGUES, Marcella de Carvalho. **Projeto Fiando histórias e tecendo sonhos**: promovendo a humanização no ambiente hospitalar através da contação de histórias. Recife: UFPE, 2005. Disponível em: <https://www.ufpe.br/documents/38978/1184596/72.pdf>. Acesso em: 22 out. 2025.

UNESCO. **Educação para todos**: o compromisso de Dakar. Brasília: UNESCO, MEC, 2005.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1975.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1941.

WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**: Os prelúdios do sentimento de personalidade. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.